

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE NOVEMBRO DE 1906

N.º 188

## ***Onde canta o Sabiá***

E durma-se com um barulho d'estes !...

*(Philosophia d'um chefe de Estado)*



**Dr. Rodrigues Alves, que acaba de deixar a presidencia da Republica dos E. U. do Brasil**



# Lourenço Marques

Poucas terras do mundo, ou pelo menos da monarchia portugueza, terão feito tão espantosas mudanças, e dado em poucos annos tão assignalados passos no caminho do progresso como Lourenço Marques. Poucas vezes mais frisantemente se terá melhor exemplificado do que n'aquelle cantinho da Africa Oriental, o que pode a poderosa iniciativa de uma nação que marchou ha quinientos annos na vanguarda das civilisações da velha Europa, que mostrou resolutamente o caminho do Oriente aos navegadores, e que pode e quer ainda manter no devido pé de esplendor as glorias passadas do seu honrado nome.

E' certo que durante muitas dezenas de annos, que não terminaram ha muito, Portugal se deixou indolentemente adormecer á sombra dos seus loiros, principalmente no que diz respeito á administração ultramarina; mas isso era motivado pelo temperamento meridional dos portuguezes e pelas circumstancias externas que nos não acordavam do nosso secular e criminoso torpor.

Nos ultimos trinta annos do seculo passado, porem, começando outros a lançar olhos cubiosos sobre os vastos territorios incultos e quasi abandonados que constituíam, diziamos nós, apanagio intangível do nosso paiz, tivemos que ir surgindo do nosso somno, sacudindo as heraldicas panoplias do passado, e apetrechando-nos para a lucta ingente, de soffregas rivalidades de interesses, que ia travar-se

Foi durante esse periodo, que não é longo e que é relativamente recente, que appareceram, armados de ponto em branco e com ar-



Lourenço Marques. — Paços do concelho

mas modernissimas, além da Grã-Bretanha, que nunca desistiu de ir alargando a area dos seus dominios, a moderna Allemanha, o modernissimo Estado do Congo, filho da condescendencia das grandes potencias no congresso desastroso, para nós, de 1885, a propria Italia, estabelecendo-se na Eritheia, e mesmo a França, assambarcando Madagascar.

Não pretendemos historiar, no acanhado espaço de que podemos dispôr, todas as diversas vicissitudes, nem sempre leaes e quasi nunca fundadas em direito ou em principios acceptaveis, que levaram á formação do Estado do Congo, que permittiram á Allemanha apossar-se de enormissimas areas de territorios na Africa Occidental do Sul, no golfo de Benim, na costa Oriental ao Norte dos territorios de Portugal até á região dos lagos. Menos ainda queremos avivar os acontecimentos do Chire, que levaram ao ultimatum britannico e ao tratado de 1891, que cerceou uma grande parte dos nossos direitos soberanos ao interior africano e que acabou de vez com a phantasiosa aspiração platonicamente formulada no celebre mappa cor de rosa, onde os territorios das provincias de Angola e Moçambique se encontravam no sertão. Limitar-nos-hemos tão sómente agora a tratar do que diz respeito, n'estes tempos modernos, em pouco menos do que os ultimos quarenta annos, ao porto e cidade de Lourenço Marques.

Em 1861, até mesmo 1869, o porto de Lourenço Marques, que fica no extremo sul da provincia de Moçambique, era quasi nada frequentado pelo commercio licito, e raras vezes mesmo em Moçambique, capital da provincia, se sabia o que por lá se passava. Os navios portuguezes da India, brigues, patachos e hyates andavam entre Damão, Diu e Goa e vinham á costa d'África na monção, mas raras vezes passavam para o Sul de Inhambane. Os pangaos nem chegavam a fazer viagens de cabotagem na costa e limitavam quasi exclusivamente a sua navegação ao porto de Moçambique, onde invernavam, beneficiavam os fundos e recolhiam aos portos

da India em setembro. Os navios de guerra portuguezes, em geral de vella, ou canhoneiras com machinas pouco poderosas, sem recursos locais para grandes reparações, e muitas vezes sem depositos de carvão para se abastecerem, jaziam surtos em Moçambique e raro se aventuravam pela costa abaixo a affrontar as violentas monções e as correntes furiosas.

A Lourenço Marques ia lá de tempos a tempos por curiosidade algum navio de guerra inglez em viagem do Cabo ou para o Cabo, alguma furtiva escuna de vella em aventureosas expedições de contrabando aos rios Incomati, ou Tembe, como por exemplo a "William Shaw", e os navios de vella que vinham de l'ortugal e que visitavam todos os portos da costa, assentando feitoria em



Praça Mouzinho de Albuquerque

cada, um demorando se muitas semanas em negociações a credito e seguindo depois para outro porto, recebendo só os generos de retorno pelas suas fazendas na viagem do regresso para o Reino.

Andavam encarreirados n'este giro a galera "Viajante", as barcas "Novo Paquete", "Tejo", "Penha Longa", os brigues "Assombro", "Africa Oriental", "Nossa Senhora da Conceição", "Triumphante", lugre "Oriental", patachos "Olinda", e "Gertrudes", e mais alguns que pertenceram ás casas Bessone, Antonio Joaquim de Oliveira, Nicolau Ribeiro da Silva e poucas mais. Tambem appareciam ás vezes em Lourenço Marques, mas raras, navios de vella francezes



A praça de touros

das casas Regis e Fabre, de Marselha, que tinham feitorias permanentes em alguns pontos da costa, para compra de generos coloniaes, principalmente oleginosos, gergelim, amendoim, mafurra e copra.

N'esses tempos, não muito antigos, em que o districto de Lourenço Marques — em cuja importancia parece que ninguem attentara ainda — se achava, por assim dizer, isolado do resto da provincia, da metropole e do mundo, e entregue aos seus proprios e escassissimos recursos e meios de defeza, o nosso precario dominio não ia além do alcance das suas carcomidas peças de ferro ou de bronze, montadas em reparos podres e apontadas do presidio para a encosta que o dominava. Segurança relativa, só a havia dentro da chamada linha de defeza, que foi primeiramente uma paliçada de paus a prumo, mas que o governador capitão Gourgelt substituiu



em 1808, ou 67, por um parapeito de alvenaria para tiro de fuzil; havia em diversos pontos alguns baluartes com peças, sendo os principaes o de 31 de julho, na parte interior sobre o estuario e o "Quatorze", tambem sobre a agua pouco por fóra e a Leste da fortaleza em um pequeno comoro de areia que olhava para a ponta Vermelha.

A pequena povoação, composta de duas irregulares ruas paralelas cortadas por varias travessas, e em que as casas de alvenaria eram poucas, e ainda assim cobertas de palha, constava prin-



*Mercado municipal*

cipalmente de palhotas redondas da mais primitiva construcção. Alem da povoação ou presidio, como então se lhe chamava, havia a lingua ou pantano mixto onde as aguas das marés se reuniam ás das nascentes da base da encosta, deixando na vasante charcos expostos aos dardantes raios do sol que produziam emanções horrivelmente fetidas e as febres palustres que disimavam rapidamente a população. Alem d'essa lingua pestilencial que constituía uma grande e valiosa defeza para os habitantes do presidio, erguia-se a encosta do Machaquene, que se estendia a Leste para os lados da ponta Vermelha que dominava a bahia exterior, e a Oeste para as povoações do Mahéa. Por outras palavras: alem da lingua era tudo territorio de pouca confiança ou francamente inimigo. Pode dizer-se que o districto se resumia ao presidio, porque os negociantes banianes e christãos que se aventuravam para o interior com carregadores para o mato ou peios rios em lanchas, faziam o por sua conta e risco, sem que o Estado lhes podesse garantir protecção, e tendo pelo contrario de pagar tributos aos regulos da Magaia, do Maputo, da Cossine ou do Bilene para poderem contar com uma relativa segurança.

A administração d'este rudimentar districto, com certeza o mais atrasado e o mais abandonado de toda a provincia, era tambem



*Avenida D. Carlos*

tudo que se possa imaginar de menos brilhante. Um governador, official militar da armada ou do exercito com um secretario, um destacamento de 30 ou 40 soldados pretos commandados por um tenente, um medico, ás vezes um pharmaceutico, um padre, um director e um escrivão da alfandega, um thesoureiro almoxarife da fazenda e um escrivão... e nada mais. Judicialmente era Lourenço Marques um julgado da comarca de Moçambique, e o governador

do districto era o juiz ordinario sob as ordens do juiz de direito que estava lá muito longe e sem communicações regulares de qual quer ordem. Uma verdadeira miseria!

Foi em setembro de 1809 que visitámos pela primeira vez a bahia de Lourenço Marques. A corveta *Infante D. João* ficara surta na bahia exterior para dentro e não longe da ilha dos Elephantes, e nós entrámos já de noite em um escaler, indo abicar á praia, não longe da fortaleza, pelas oito horas. Governava então o districto o major José Augusto de Sá e Simas, official destemido que, no anno anterior, apenas com um punhado de soldados e os moradores armados, defendera o presidio contra uma invasão de alguns milhares de negros do regulo Amule. Nunca esqueceremos a desoladora impressão de tristeza que sentimos quando no dia seguinte de manhã démos com o major Simas um passeio pelo presidio, explicando-nos elle com o vivo colorido da sua rude phrase as diversas peripecias e episodios d'aquelle dia de grande afflicção e riscos horribes. O major Simas andava a cavallo apparecendo em todos os pontos mais ameaçados, incitando os nossos, incutindo-lhes animo e valor e concorrendo valiosamente com o seu exemplo para que todos cumprissem nobremente o seu dever de Portuguezes.

N'esse passeio matutino vimos o que era apenas uma aldeia de cafres com algumas casas caiadas, muitos pretos quasi nus, um ou outro habitante branco, degredado ou não, macilento e enfraquecido pelas febres, espreitando ás portas para verem o intruso desconhecido, e ruas de areia solta cheias de montes de lixo, e um ou outro coqueiro esguio e esgrouviado açoitado pelo vento. Bandos de galhas grazinando estridentemente esvoaçavam por toda a parte e encarregavam-se de fazer a limpeza da povoação sem re-



*Avenida Duquesa de Connaught*

muneração municipal, pois nem camara existia, camara ou coisa que com isso se parecesse. Era uma desolação medonha que nos opprimia o coração e que só nos deixou quando largámos outra vez no escaler para a bahia em demanda da corveta.

De 1875 a 79 começou o districto de Lourenço Marques a ensaiar os primeiros passos debeis, mas seguros, no caminho da civilisação. Enumeraremos aqui os principaes e mais notaveis acontecimentos.

Foi decidida em favor de Portugal pelo marechal Mac Mahon presidente da republica franceza o antigo litigio que pendia com a Gran-Bretanha sobre a posse dos territorios de Tembe e de Maputo na parte sul da bahia, e no dia 13 de setembro de 1877, sexta feira, tomava o governador posse da ilha da Inhaca, mandando construir um quartel para a guarnição militar.

Foi creada a comarca de Lourenço Marques, tomando posse o 1.º Juiz de Direito, Dr. Braga d'Oliveira, um dos mais dignos ornamentos da magistratura portugueza.

Começou o estreitamento de relações com a republica do Transvaal, construindo se uma tosca mas transitavel estrada para *Pilgrim's rest* no districto de Lydenburg, ensaiando se o transporte com bois e depois com camellos, que não resistiram á picada da venenosa mosca tsé tsé.

Fizeram-se as primeiras eleições municipaes, começando então com um foral provisório e um código de posturas a administração da povoação, elevada a villa, a ser mais cuidada e bem feita.

Foi collocado um farol de 15 milhas de alcance na ponta Vermelha, e outro fluctuante, visivel em todo o horisonte, no canal Cockburn, o mais frequentado entre os baixios exteriores da bahia.

Foi começada a construcção de uma nova alfandega, porque o barracão de madeira e ferro zincado que existia era insufficiente para o movimento commercial que começava a desenvolver-se. Foi tambem construida uma ponte-caes em frente d'essa nova alfandega.

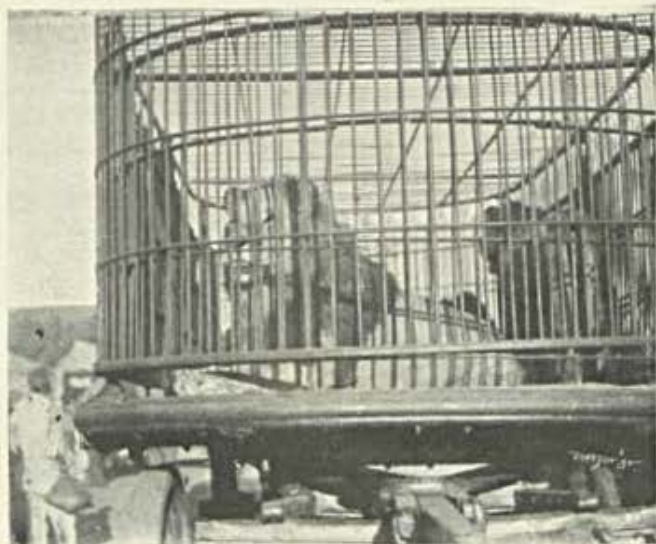


Foi pela primeira vez importada na provincia e n'aquelle districto e villa a telha chata de Marselha, sendo logo largamente empregada nas casas existentes em substituição da palha.

Foi ensaiada a plantação dos eucaliptus com o fim de se melhorarem as condições climatericas da localidade. Fizeram-se pela primeira vez e durante quasi dois annos observações meteorologicas regulares, que mereceram louvores ao grande sabio João Capello, dis-



*Edifício da Companhia de tração electrica*



*Leões da serra do Masmate*

Clichs de Amadeu Silva.

tinctissimo propugnador d'aquelle ramo de sciencia physica entre nós.

Foi ainda n'esse tempo que foram feitos os primeiros estudos de um caminho de ferro do Transvaal para a bahia de Lourenço Marques, estudos dirigidos proficientemente pelo engenheiro escocez Richard Thomas Wall que já tinha construido o caminho de

ferro do porto Nolith para as celebres minas de cobre do paiz dos Namaquas.

Foi ainda n'esse periodo de rapida evolução que foram lançados os cabos telegraphicos submarinos de Lourenço Marques para Natal, e para Moçambique, empregando-se n'esse serviço os vapores "Kangaroo", e "Seine", da Companhia Oriental telegraphica.

Foi finalmente no fim d'esse curto lapso de annos que a colonia de Natal se viu a braços com a temerosa crise da guerra com o Rei dos Zulus, e que o governo britannico pensou na possivel necessidade de introduzir pela bahia portugueza e pelo rio Maputo,



**Pioneiros de Lourenço Marques, que, em 12 de agosto, fizeram a sua festa annual na Moamba, junto ao rio Incomati**

Da esquerda para a direita: — 1.º plano — Mathias Oliveira, Rufino de Oliveira, Roberts, Eugene Herzog, Mario Torre do Valle.

2.º Plano — Luciano Felix, Val Ribeiro, Harry Reid, Burt Muller, Capitão Roberts, Max Bruheim, José Aguiar.

3.º Plano — Marques da Silva, Augusto Silva, Pedro Chichorro, Alfred Camilleri, Pizarro Portocarrero, Mongiardim Costa, Adrianopolus, Garcia Fernandes, Delphino Revez.

4.º Plano — Isaac Benoliel, J. Main, João Jardim, Cheval, Reimann, Antonio Campinho, Samios.

5.º Plano — Ernesto Torre do Valle, Amadeu Silva, Araujo Gomes, Sá Sequeira, Capitão Roque de Aguiar.

Clichs de J. M. LARANUS.



em direcção ao paiz inimigo, um corpo de tropas, o que comtudo não chegou a realisar se, não obstante as diligencias do general Lord Wolseley e do seu secretario militar, coronel Sir George Colley, porque o governador portuguez se não julgou auctorizado a consentil-o.

Lourenço Marques teve depois tempos altamente criticos e calamitosos com a sublevação dos regulos da coroa e depois com a do proprio Gungunhana que acabou brilhantemente com o feito epico de Chaimite; mas como as suas condições geographicas são unicas, renasceu das proprias cinzas e é hoje um porto e uma cidade florescentissima, com mais de mil metros de caes acostaveis para os maiores navios, faroes na Inhaca, no baixo Cockburn, na ponta Vermelha, luzes de entiamiento, boias, balizas, rebocadores, caminhos de ferro, aguas do Umbeluze canalizadas, telephones, viação electrica, carruagens, sumptuosos edificios publicos e particulares, theatros, cir-cus, jornaes, jardins magnificos, grandes avenidas arborisadas, illuminação, telephones e uma grande população de nacionaes e estrangeiros de todas as nacionalidades.

E viva o progresso d'aquelle esperançoso torrãozinho, mas sempre em mãos de portuguezes!

AUGUSTO DE CASTILHO.

## ROMANTICISMO

Crepusculo saudoso, vago e triste!  
— Os melros joviaes, nas oliveiras,  
Enviavam a tudo quanto existe  
As suas cançonetas derradeiras.

Foi n'essa hora solemne que me viste!  
— Abraçavam-se ao muro as trepadeiras,  
N'uma tristeza, a que se não resiste,  
Sobre os poços, choravam as figueiras.

No teu negro vestido, airoso e largo,  
Errava o meu olhar, profundo e amargo,  
Que nunca, nunca, se enblen de inveja...

E cingia o teu vulto, manso e puro,  
Como á noite, — vidente do futuro —  
Roga o môcho nas lampadas da igreja...

JOAQUIM DE ARAUJO.

## NA ARGENTINA



No vice-consulado de Portugal no Rosario

Da esquerda para a direita, 1.º plano: Thomaz van Horne, consul da America — Dr. Jorge Sohle  
Edmundo Esmeraldo, vice-consul de Portugal — Diogo O. Le Bas, consul do Uruguay

2.º plano: Dr. Miguel Grandoli — Bartholomeu M. Ponz, consul de Nicaragua — Jorge Perkins, consul do Chili — Dr. Manuel de Caabeyra, consul de Hespanha — Francisco Hezi, consul da Suissa — G. Christophersen, consul da Noruega

O anniversario dos reis de Portugal foi muito festejado no Rosario — provincia de Santa Fé, republica Argentina — cidade pittoresca e de muita importancia, que assenta na margem direita do Panamá, e que conta mais de cem mil habitantes. A data de 28 de setembro foi celebrada pela colonia portugueza em sessão especial, que terminou nomeando-se uma commissão que fosse ao consulado portuguez significar o regosijo de todos os portuguezes residentes na cidade.

O vice-consul, sr. Edmundo Esmeraldo, recebeu n'esse dia os cumprimentos de todas as auctoridades e de todo o corpo consular estrangeiro, e no edificio consular offereceu um «lunch» aos seus visitantes, trocando-se brindes entusiasticos.

A gravura acima é copia de uma photographia, tirada no pateo do vice-consulado, expressamente para o «Brasil-Portugal», e que nos foi enviada ha poucos dias do Rosario.



## A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XV

*Fallam assumptos para uma chronica litteraria. O pouco que ha, não serce. — Um duello. O sr. Alpoim é um homem de sorte. Um estadista illustre que se pertencesse ao sexo fraco seria uma sopra terrivel. — No parlamento. Já se não pedem cartas. A ultima carta. Um documento anodyno. Minuta de uma carta que o sr. Affonso Costa deve escrever quando fór presidente da republica. — A eleição do Porto. — S. Carlos. A opera do sr. Arroyo. Instrumentações diversas.*

Até à hora a que começo este artigo não se produziram acontecimentos dignos de registo em uma chronica litteraria. Com bastante magoa o confesso, visto que a carencia de assumptos não me desobriga do dever de encher uma lauda do *Brasil-Portugal*. Mas por mais que busque e rebusque no meu canhenho quinzenal, nada encontro.

A Igreja commemorou no dia 1.º Todos os Santos. Perfeitamente. Mas a Igreja faz essa commemoração ha muitissimos annos. Certo, portanto, este apontamento com a decisão com que o sr. João Franco corta gratificações — zás! No dia 2 houve a costumada piedosa visita aos cemiterios. Mas os casos tristes não teem ingresso n'esta pagina destinado ao bom-humor. Temos, pois, menos um.

Ah! O sr. Alpoim bateu-se em duello, á pistola, com o sr. Gaspar de Abreu. Ora aqui está um acontecimento que, á primeira vista parece uma mina para um chronista desenfastiado. Mas não é tal. O sr. Alpoim tem-se batido muitas vezes, á espada e á iro, e tem-se saído sempre de taes aventuras com mais sorte que o Diogo Alves — mal comparado. São como um pêro. Podem disparar sobre sua excellencia quantas pistolas houver por esse mundo de Christo; não haverá bala que acerte em tão feliz homem! Pois ninguem terá a audacia de dizer que o sr. Alpoim não é um magnifico alvo. Quem

o vir fica convencido de que até um cego o attinge. Pois nem um lynce — se um lynce pudesse atirar ao alvo — conseguiria furar a rosada pelle do illustre chefe dos dissidentes. Se o sr. Alpoim, pelos seus incontestaveis talentos, deu um estadista de muito valor, pela sua sorte daria, se pertencesse ao sexo fraco, uma sogra temivel, das taes que nem a tiro.

Nas camaras continuam accesos os debates, ferindo-se escaramuças valentes a tropas de uma eloquencia por vezes escaldante. Mas, como dizia o outro, não ha-de ser nada, se Deus quizer! Lá está, sempre, o sr. presidente do conselho, firme como uma rocha, prompto á replica com a valentia que é a sua primeira qualidade de estadista. Como um barra, não ha duvida! Temos governo para pèras — é a convicção geral. De resto, o gabinete — diga-se a verdade — tem governado bem.

A mania de pedir cartas de el-rei, que ia alastrando como a mania de colleccionar bilhetes postaes de toda a gente, parece ter cessado. Ainda bem. O espectáculo estava sendo deprimente para todos. Isto de conseguir uma carta de alguem collocando na situação especialissima de não poder vir á estacada, e dar-lhe publicidade sem que esse alguem auctorise o acto, é um pouco forte, embora essa carta seja, como a publicada pela *Lucta*, um documento anodyno, sem importancia alguma.

Não valia a pena reclamar-a tanto em pleno parlamento, com reticencias, meias palavras, pedidos de responsabilidade á maioria monarchica e papões pela imprensa. A carta, como documento politico, nada vale. E, como disse, anodyna. O monarcha alvitra a um seu ministro alguns meios a oppôr á propaganda anti-monarchica — eis tudo. El-Rei suggeria ao fallecido Marianno de Carvalho a ideia de auxiliar um jornal monarchico e crear difficuldades á propaganda republicana. Eis o negro caso!

Mas que queriam então, os republicanos? Ora valha-nos Deus! Do que a imprensa republicana tem dito a proposito d'essa carta, conclue-se que, se por acaso o sr. Affonso Costa fosse um dia presidente da Republica em Portugal, escreveria ao seu ministro Alexandre Braga uma carta n'estes termos:

*Meu caro Braga. — Como sabe, o José Luciano, no Correio da Noite, e o Hintze, no Noticias de Lisboa, estão fazendo uma propaganda monarchica valentissima, que muito me apraz. Parece-me conveniente auxiliá-os por todos os meios ao nosso alcance, ao*

## Um passeio a Villa Franca



Assistindo aos trabalhos de lavouira

*Excursão ás propriedades do sr. Palha Blanco, promovida por alguns jornalistas em honra do secretario do «Figaro», sr. Julio Cardano, e de sua esposa (29 de outubro)*

*Segundo da esquerda — Julio Cardano. Terceiro da direita — Palha Blanco, tendo á sua direita madame Cardano*



passo que se vibrem golpes de morte sobre o Mundo e a Lucta, onde o França Borges e o Camacho nos defendem com unhas e dentes. Isto não é lá muito humano, bem sei. Mas ou ha Liberdade, Igualdade e Fraternidade ou não ha. Não quero que me chamem faccioso.

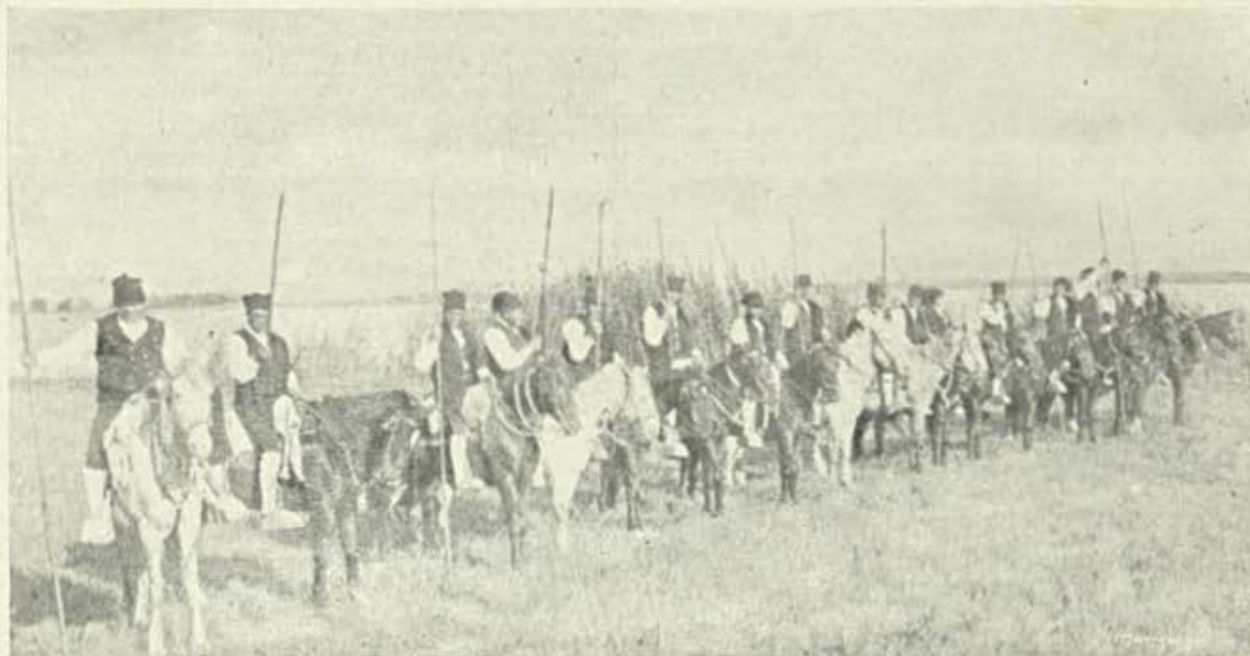
Seu amigo.

Afonso, P.

Quer-me parecer que o illustre tribuno não escreveria tal carta. Todos nós, monarchicos e republicanos, somos feitos do mesmo barro, e portanto enfermamos da mesma fragilidade. De resto, este caso

Esta apparente reviravolta da opinião não obedeceu á absoluta transformação de ideias politicas, que não se operaria em dias. Simplesmente, o Porto entendeu que devia livrar o seu municipio da tutela prejudicial de uma especie de parceria a que na capital do Norte chamavam «os senhores do Porto». A má administração e facciosissima politica feita até o presente pela edilidade portuense, foram as causas unicas e directas da victoria de uma lista politicamente heterogenea, composta de nomes de pessoas bem intencionadas, amigas da sua terra e ciosas do bom nome e prestigio d'ella.

A grande significação do facto é simplesmente esta: que ainda se pôde fazer triumphar, por meio do suffragio, em Portugal, a von-



Um passeio a Villa Franca. — Nas propriedades do sr. Palha Branco — Os campeiros

especial de um rei, por meios, aliaz nada violentos, tratar de consolidar o seu poder, representa alguma coisa mais que o natural instincto de defeza, — um dever, visto que se não trata apenas de defender uma situação pessoal, mas uma forma de governo sob a qual um paiz inteiro se rege.

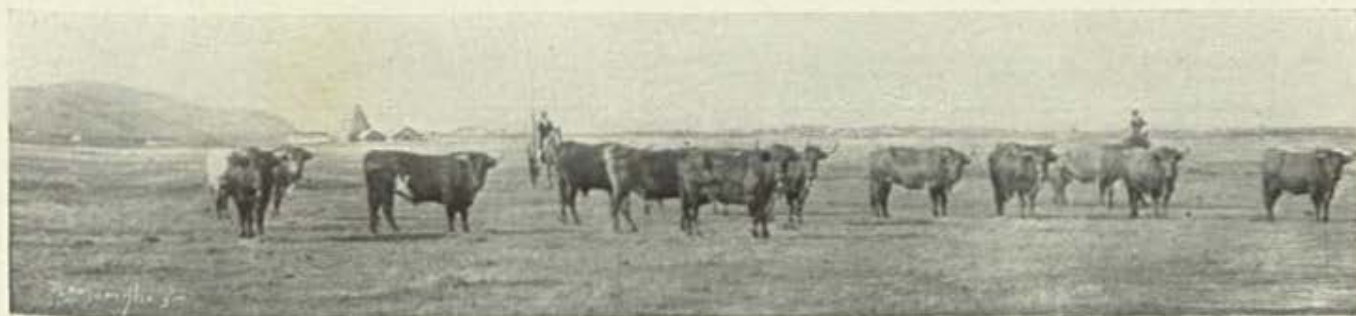
Este caso da carta lembra a famosa situação da faca e do queijo, sempre odiada por quem não tem nem o queijo nem a faca, mas se a esse, um bello dia, lhe entregassem o queijo e a faca, era capaz... de deitar fora a faca e passar a viver dentro do queijo.

No Porto houve eleição municipal e já não é novidade para ninguém que venceu a «lista da cidade», isto é, a lista composta de ele-

tade do povo, quando esse povo tem o character, a energia e o civismo do portuense.

O «clon» da temporada lyrica, será certamente, a opera do sr. João Arroyo, *Amor de perdição*, cujo libretto foi extrahido do romance do mesmo nome, do glorioso Camillo.

Tudo leva a crêr que o sr. Arroyo maestro manterá o prestigio do sr. Arroyo orador. Ha, n'este homem privilegiado, talento que deve sobrar para os dois misteres.



Um passeio a Villa Franca. — Nas propriedades do sr. Palha Branco — Gado bravo

mentos de varias procedencias politicas, sympathicos á opinião na cidade da Virgem.

A derrota soffrida pelo governo — ou o que é melhor, pela concentração liberal — foi, como lá se diz, no Porto, — teza. Os franquistas e os parciais do grupo dissidente aliados, segundo, se diz, soffreram uma desillusão cruel, tanto mais que na eleição de deputados alcançaram um triumpho.

Ha quem queira tirar conclusões terriveis do facto, que afinal não tem significação de character politico propriamente dito. A victoria da «lista da cidade» não representa somente o triumpho do partido radical, tanto mais que n'ella entravam elementos monarchicos. Não.

A avaliar pelo vigor e colorido da sua palavra suggestiva, arrebatadora, a instrumentação da opera deve ser um encanto, comquanto o sr. Arroyo, ao que parece, vario de processo na orchestração dos seus trabalhos. Como se sabe, s. ex.ª, no parlamento, tem predileção especial pelo bombo, que toca admiravelmente; no entanto a instrumentação da opera recae nos instrumentos de corda.

Esperamos anciosamente essa *première*. E do gallinheiro de S. Carlos pagaremos em applausos ao maestro, não só o que como tal lhe é devido, como o que estamos devendo ao tribuno e não lhe podemos pagar na galeria de S. Bento.

CAMARA LIMA.



## Politica internacional

Falámos n'uma das anteriores revistas da revolução pacifica prestes a realizar-se na Persia pela eleição de um parlamento, a que de futuro deveriam ser submettidas todas as medidas de interesse publico. Duvidou-se ao principio no occidente de que a promessa do Shah de dar uma constituição e governo representativo ao seu povo viesse a cumprir se. Hoje não é licita a duvida. O parlamento persa não só foi eleito, como já inaugurou as suas sessões e está actualmente funcionando. Parece o episodio de um conto das mil e uma noites e contudo nada ha mais certo.

Foi no dia 7 do passado mez de outubro, que o Shah inaugurou na capital do seu imperio o primeiro parlamento persa. Rodeado dos principes da casa real, dos ministros, e dos dignitarios da corte o soberano mandou ler o discurso da corôa, inteiramente moldado pelos documentos similares das nações europeias, e no qual se fazem as promessas do costume em todos os paizes constitucionaes. N'esse discurso o Shah insistiu em que a assembleia nacional era a unica capaz de remediar os males de que estava soffrendo o paiz, e que esperava por isso que todos os persas se

tro na India, para só falar nas duas mais importantes e mais estreitamente ligadas por diversos motivos aos interesses europeus. Em qualquer d'estas duas nações a transformação, que mais cedo ou mais tarde, sobretudo depois do exemplo persa, tem de dar-se, pôde trazer para a Europa inesperadas complicações. Bastará lembrarmos-nos que uma modificação d'esta ordem no imperio turco pôde mudar inteiramente as condições do problema politico na península balkanica, em cuja resolução estão interessadas todas as grandes potencias europeias, e que o estabelecimento do regimen parlamentar na India ou até a simples tentativa de ali o estabelecer ha-de abalar profundamente o poderio inglez na península Gangetica, facto que pôde determinar uma verdadeira remodelação do mappa politico do mundo.

Não admira porisso que mereça as geraes attentões o drama, aparentemente modesto e de importancia local, que n'este momento se está desenrolando em Teheran. Já uma vez, em tempos bem afastados, no principio da civilização hellenica, os persas tiveram papel preponderante na historia do mundo. Quem sabe que futuro o destino prepara aos descendentes dos soldados de Dario e de Xerxes?...

Conforme se esperava a modificação no ministerio francez presidido pelo sr. Clemenceau foi quasi completa. Pôde mesmo dizer-

## A QUESTÃO VINICOLA. — A reunião na Sociedade de Geographia



D. Manuel de Noronha, lendo a sua moção

inclinariam respeitosos diante de tão alta instituição. Semelhantes palavras postas na bocca de um despota oriental são indício seguro dos tempos que vão correndo, até na Asia, e prognostico evidente das transformações sociaes que um proximo futuro verá realizarem-se.

Por uma disposição especial da lei eleitoral e attendendo ás condições particulares do paiz, onde ainda não existem caminhos de ferro, e onde portanto semanas e quasi mezes são necessarios para que dos pontos mais extremos do enorme imperio os deputados cheguem a Teheran, o parlamento pôde abrir logo que estejam eleitos os deputados da capital, para a discussão dos assumptos mais urgentes. N'este caso a 'Assembleia nacional, denomina-se provisoriamente 'Assembleia dos notaveis de Teheran'. Foi o que aconteceu agora. O verdadeiro parlamento da nação só se abrirá quando os deputados do paiz inteiro estiverem reunidos.

Um grande passo está, pois, dado, para a regeneração d'esse mundo oriental, que se suppunha morto para sempre, mas que graças ás victorias do Japão parece querer renascer do seu lethargo secular. E' evidente que o estabelecimento do parlamentarismo na Persia, sendo uma consequencia irnegavel dos recentes successos do Extremo Oriente, vae por seu turno exercer inevitavel influencia, nas demais nações orientaes — na Turquia de um lado e de ou-

se que foi completa, se se attender á importancia das pastas para onde entraram ministros novos.

Assim, quatro grupos de questões preoccupam, acima de todas as outras os actuaes dirigentes da republica. Em primeiro logar as questões da politica exterior, que sobretudo na nova phase em que entráram com o abatimento militar da Russia e com a aproximação franco italiana e anglo-franceza, se prendem com os mais vitaes interesses da nação. Em seguida a estas, e quasi no mesmo plano apparecem-nos as questões militares, directamente respeitantes á defeza e portanto á propria existencia da França como nação independente. Depois veem as questões que se prendem com o grande problema fazendario, grave e complicado pelas exageradas despesas a que a paz armada, que vigora na Europa, obrigam o estado. Por ultimo, *the last but not the least*, como dizem os inglezes, as questões economicas, as questões do trabalho, que n'estes ultimos tempos teem rapidamente passado para o primeiro plano e monopolisado em grande parte as attentões do governo.

Ora para as pastas, que se occupam de cada um d'estes grupos de questões, entráram ministros novos. Para a dos negocios estrangeiros, o sr. Pichon. Para a da guerra, o general Picquart. Para a da fazenda, o sr. Cailloux. Finalmente para o ministerio do trabalho, creado agora pela primeira vez, entrou o sr. Viviani. E' pois



um novo ministerio e não um ministerio recomposto, o que succede ao da presidencia do sr. Sarrien. Vejamos rapidamente qual a significação do gabinete, que acaba de tomar conta dos destinos da França.



A questão vinicola. — A meza à frente dos viticultores, na calçada da Estrella, a caminho das Côrtes

A nova orientação que o sr. Clemenceau intenta dar ao governo da sua presidencia resalta claramente da constituição do gabinete e sobretudo da distribuição das pastas. O que desde já se pôde afirmar é, que o actual presidente do conselho não será um presidente apenas decorativo como o sr. Sarrien. Governará não sómente no seu proprio ministerio — o do interior — mas em todos os demais, impondo aos respectivos titulares o seu modo de vêr especial, por mais que as apparencias sejam salvaguardadas. Dar-se ha este facto muito principalmente com o ministerio dos negocios estrangeiros. O verdadeiro ministro será o sr. Clemenceau. O sr. Pichon, um subalterno quaesquer que sejam os seus meritos especiaes, será apenas o representante da vontade do seu chefe no Quai d'Orsay. E esta circumstancia não é de somenos importancia para a politica externa do ministerio. E' sabido que o sr. Clemenceau tem fracas sympathias pela Russia ou pelo menos pela alliança da republica com a autocracia moscovita. Não vae decerto denunciar a dupla alliança ou ser infiel aos compromissos ajustados com o governo de S. Petersburgo. Mas pôde prevêr-se que não terá grande entusiasmo em dar á burocracia russa mais do que lhe prescreve o pacto, que liga a França a Nicolau II. Quer dizer, ao contrario, do que succedeu com os dois governos anteriores, pôde quasi considerar-se como certo que o actual gabinete francez não dará auctorisação para a cotação na bolsa de um novo emprestimo russo, emquanto o governo do tsar não conceder á nação as reformas liberaes, que lhe estão prometidas, mas que até agora lhe tem sido systematicamente negadas, reformas entre as quaes avulta o estabelecimento do regimen parlamentar com ministerios responsaveis perante os eleitos do povo. Tudo leva a crer que o sr. Clemenceau não irá repetir o erro dos seus predecessores, permitindo que o dinheiro da França vá ajudar a burocracia russa a esmagar a liberdade e a restabelecer a autocracia nos seus antigos e odiosos privilegios.

Ao passo que esta vae ser, segundo todas as probabilidades, a linha de conducta do actual governo francez para com a Russia, não são desconhecidas de ninguem as calorosas sympathias do sr. Clemenceau para com a Inglaterra. Ha muitos annos, quando ainda o actual presidente do conselho era apenas o terrivel *tombeur de ministères*, e que ninguem podia prophetisar a transformação de hoje, um dos mais assíduos frequentadores do então principe de Galles, agora Eduardo VII, nas suas amiguadas visitas a Paris, era o sr. Clemenceau. Nunca desde então a sua entusiastica sympathia pela Inglaterra se desmentio.

Poi ella mesmo que lhe valeu, na hora triste da *débâcle* do Pa-

namá, o ser obrigado uma vez a descer da tribuna da camara dos deputados aos gritos de *à bas l'anglais!* Não admira, pois, que a imprensa londrina tenha saudado com effusão a ascensão ao poder do homem de estado francez, que tem no Reino Unido maior numero de sympathias. E não é para extranhar que com taes precedentes a politica exterior da republica se incline cada vez mais para uma intima cooperação com a Inglaterra, robustecendo por todas as fórmas a *entente cordiale*, quem sabe? talvez transformando-a n'uma verdadeira alliança.

E' esta a primeira significação e a mais alta do presente ministerio. Comprehende-se que com tal presidente do conselho o sr. Pichon é apenas um sub-secretario de estado no ministerio dos negocios estrangeiros. O verdadeiro ministro é o sr. Clemenceau.

A outra significação do gabinete é a que lhe advem da entrada do general Picquart para a pasta da guerra. Com um bello gesto de audacia, que revela no seu auctor extraordinaria força d'animo e rara coragem politica, o sr. Clemenceau passa a esponja definitiva sobre o sombrio incidente Dreyfus, que esteve quasi a deshonnar a França perante o mundo. Reintegrar o martyr no gozo dos direitos que lhe haviam sido roubados pelo mais infame dos crimes, que a historia memora, não era tudo. A rehabilitação da republica completou-se com a ascensão ao primeiro posto no exercito do heroe, que o antigo estado maior tinha feito alvo das suas odientas perseguições. Agora, graças ao sr. Clemenceau, desapareceu o ultimo vestigio da vergonhosa macula...

CONSIGLIERI PEDROSO.



A questão vinicola. — No largo das Côrtes — Grupo de viticultores: entre elles Luiz do Rego e D. Antonio Siqueira (S. Martinho)



## DIA DE FINADOS



*Nos Prazeres*

### Da maledicencia e da calumnia nas mulheres

**N**ão poderemos mais tarde fazer logicamente apelo á fraternidade das mulheres, sem assignar, com o unico fim de o supprimir, o principal obstaculo que se oppõe hoje á sua realisação. Este obstaculo é a tendencia para a maledicencia que n'um certo numero, ou antes, n'um muito grande numero de mulheres se exerce contra as outras mulheres.

Com o caracter geralmente frivolo da educação actual, e da vida mundana, esta disposição para a qual muita gente se deixa arrastar descuidadamente, é tanto mais perigosa, por se degenerar em habito, e por ser o habito uma segunda natureza, como diz o proverbio. De sorte que a mulher, boa e indulgente pela sua propria e primitiva natureza, torna-se má e intolerante por esta segunda natureza de emprestimo.

E' triste mas necessario constatar o. E ainda mais uma vez o ponderamos, a fim de que seja desviada, quanto antes, esta pedra de escandalo que o progresso feminino encontra no seu caminho.

Confessando este defeito, muito geral na mulher contemporanea, não provaremos, seja-nos permittido notal-o de passagem, a nossa imparcialidade nas nossas considerações e nos nossos juizos sobre as questões femininas na ordem do dia? Esta confissão não



*Dia de finados. — Nos Prazeres*

é a prova de que não approvamos nem louvamos systematicamente tudo que diz respeito á mulher? É a nossa confissão que os senhores homens deverão achar despojada de artificio lhes provará que apreciamos os defeitos Moraes das mulheres com a mesma severidade com que julgamos os defeitos d'elles.

Sómente devemos declarar, com tanta imparcialidade como justiça, que a maledicencia, exercida pela mulher contra a mulher, é creada e mantida pelo homem. Não somos a unica nem a primeira primeira pessoa a fazer esta declaração que tem sido feita antes de nós, não por mulheres, mas por homens.

Balsac, no fundo da sua obra que intitulo com justa razão a *Comedia humana*, Balsac, o creador do romance realista, o analysta implacavel que na sua *Physiologia do casamento* não lisonjeou a mulher, foi o primeiro a reconhecer esta verdade.

Bebel, o grande socialista allemão, foi levado nos seus estudos sociologicos a constatar que era impossivel obter-se a completa emancipação moral e social do homem, sem realizar ao mesmo tempo e integralmente a da mulher. Elle faz ainda as affirmações seguintes:

Em primeiro logar que a emancipação feminina tem tido por principal obstaculo, como dissemos acima, o habito que as mulheres tem de se diffamarem, umas ás outras; em segundo logar que esta diffamação é de-



*Dia de finados. — Nos Prazeres*

vida ao ciuime que reina entre ellas, e finalmente que este ciuime é provocado pelo homem que o entretém com tanto mais cuidado, como o explora systematicamente. O homem, por uma longa e falsa educação, tem conseguido persuadir a propria mulher que ella não nasceu senão para agradar, isto é, para agradar a elle.

D'ahi resulta que as mulheres educadas para esse fim, não pensam senão em disputarem as homenagens dos homens, e julgam que o melhor meio de triumphar é rebaixar aquellas em que veem umas rivales. Triste rivalidade para disputarem um senhor! Porque o homem se preocupa e não se occupa da mulher, senão para conquistar os favores das que elle requesta: elle ataca este ciuime e excita esta diffamação porque sabe que a diffamação terminará por inimidade. Elle conhece que a melhor forma de dominar as mulheres que deseja e requesta, é enredal-as, e esforça-se por isso em tornal-as ciosas umas das outras, para chegar a reinar mais facilmente sobre o seu coração, se é o coração que elle procura. Elle não ignora a maxima de dividir para reinar. Foi elle que a inventou e a applica para seu uso e proveito com uma arte, cujo principal merito consiste na astucia que emprega. Ah! como Balsac comprehendem bem, e Bebel appreciou perfectamente o homem actual!

Não dispondo a actividade moral da mulher de nenhum campo aberto, fóra do coquetismo e dos mexericos, o que a encaminha para a maledicencia, o homem fez da mulher, não um ser pensante e sensivel, mas uma creatura de carne e de vaedade, sensual e frivola, cuja sensualidade acaricia e cuja frivolidade entretém, para melhor a seduzir. Elle faz d'ella, em lugar de uma intelligencia, um sexo. Elle não vê n'ella nem o cerebro, nem o coração. Para elle, toda ella inteira é sexo e nada mais. Tambem falando d'ella em bem ou em mal exprime se "o sexo é isto, o sexo é aquillo, ou "o bello sexo, quando quer lisonjeal-a. Nunca a mulher deu ao homem este qualificativo humilhante. Porque? Talvez por ver n'elle mais que um sexo: uma individualidade moral e intellectual.



Maldizendo de nós mesmas, fornecemos aos homens armas contra nós, contra a nossa inconsequencia e a nossa leviandade, consideradas injustamente innatas.

Abstenhamo-nos tanto mais da maledicencia quanto pôde facilmente arrastar-nos para a calumnia. Porque o mal contado vae augmentando de boca em boca, sobretudo pela boca d'aquellas que



Dia de finados. — Nos Prazeres

vêm o argueiro nos olhos dos outros, e não vêem a tranca nos seus. E' verdade que ellas são as unicas a descobri-lo. Se a vaedade senil não lhes pozesse uma venda complacente nos olhos, ellas reconheceriam que os encantos caducos não conseguem impôr-se, nem inspiram mais que o respeito pela idade.

Com effeito ha idades ingenuas que, ás vezes, é conveniente desiludir no seu interesse como no nosso. Assim a necessidade inconsiderada de maldizer, e de calumniar sendo preciso, manifesta-se sobretudo nas reuniões de boas velhas, damas protectoras de taes e taes obras de beneficencia, ou das que tem o seu nome, como se fosse beneficencia a maledicencia.

Joanna Marnix no seu admiravel *Manoune* nos offerece um quadro palpitante d'estas chocalhices agridoces que se desenvolvem em certas sociedades chamadas femininas, cujos membros não primam, nem pela benevolencia, nem pelos encantos.

Protestemos contra este prurido de maldizer, porque dizer mal é fazer mal. Sejam logicas, senhoras! Que as nossas palavras não desmintam os nossos actos; e não esqueçamos que temos em vista a rehabilitação. Uma vez que preconisamos a fraternidade, sejamos fraternaes, aliás daremos aos homens o direito de nos chamar Tar-



Dia de finados. — Nos Prazeres

tulos, demonios de saias, jesuitas de tunica branca, isto é, megeras, harpias, com a mascara de puritanos e de rigoristas. Que a nossa missão não seja um simulacro, mas uma verdade, que a nossa tolerancia não seja de palavras, mas de factos, e que a nossa honestidade não seja uma apparencia, mas uma realidade.

Aliás, dir-se-ha de nós que as mulheres chamadas honestas ou dizem sel-o, são muito deshonestas. Dir-se-ha com razão d'aquellas d'entre nós que fazem o mal prégando o bem, que são mais culpadas do que as chamadas culpadas que ellas cobrem de vergonha;

e que, se reclamam o bem e o resurgimento da mulher, é por ostentação, e não por espirito de rectidão, nem por sentimento de justiça.

No interesse da nossa propria consideração, é para desejar que comecemos a comprehender o caracter e a grandeza do nosso papel que é uma missão, e que acabemos por tomar a boa resolução de nos afastarmos de obras desviadas dos seus principios. Não podemos senão comprometter-nos, assumindo a responsabilidade de actos que vão ao encontro do fim das nossas instituições, e um maior silencio a esse respeito converteria em cumplicidade.

Porque somos a rehabilitação deveremos ser a indulgencia; a indulgencia pelo triste caminho que a mulher chamada desencaminhada seguiu, e por attenção ao tom caminho que pretende seguir. Demos-lhe a mão para que ella não se desvie mais na estrada, esqueçamos a sua desgraça ou a sua falta para só nos recordarmos do seu arrependimento, ou da sua fatalidade; e não lhe falemos no passado para que ella não pense mais senão no futuro. Se nos occupamos de uma obra de regeneração, não rebaixemos aquellas que não desejam senão regenerar-se; e se nos consagramos a uma instituição tendo por fim auxiliar as mulheres, não deveremos perguntar-lhes como ellas viveram, e se estão resolvidas a viverem bem d'ahi por diante. E' cruel recordar um passado desgraçado a quem padece com a sua recordação; é ajuntar um soffrimento a outro soffrimento.

Se a nossa associação é o refugio de todas as desgraças, acolhamos todas as mulheres. Se são as mulheres caluniadas, rehabilitemo-las; se são as mulheres, cuja fraqueza as resvalou um dia no valle da fatalidade que se chama a vida, prestemos-lhe o apoio da nossa mão benefica para a ajudar a subir o declive do valle da desgraça. Repellido umas ou outras, não cumprimos a nossa missão e o nosso dever. Deixemos aos homens o triste privilegio de desprezar as mulheres, cuja perda causaram, visto que as mulheres



Dia de finados. — Nos Prazeres

chamadas desencaminhadas não são senão victimas da sua ignorancia, da sua boa fé, dos seus sentidos excitados e do seu coração enganado ou explorado.

Eis o que devemos comprehender, para procedermos consequentemente, se entendemos que estamos á altura da nossa missão; aliás, longe de sermos benevolos, seriamos malevolos.

Seriamos umas velhacas, se, quando corações affictos de mulheres confiando nas nossas promessas nos procurassem para serem consolados e amparados, os deixassemos sem consolação e sem amparo.

Para ser justo e logico, não deve haver mais severidade para a mulher que para o homem.

As fraquezas dos sentidos, que no homem não são considerados senão como peccados veniaes, não devem sel-o na mulher como peccados mortaes. A questão sexual não deve prevalecer sobre a do dever da consciencia.

Quando um homem solicita a sua admissão n'uma sociedade de beneficencia ou em outra qualquer, ninguem lhe pergunta se é pae, se é casado ou solteiro, e se tem alguma amante, ou se não a tem; sómente se procuram informações do seu character, da sua probidade, da sua lealdade e da sua honestidade. Deveremos portanto proceder do mesmo modo para com a mulher, não tratando de indagar senão se ella é justa, conscienciosa e leal. No caso affirmativo, ella será uma mulher honrada, na verdadeira accepção do termo.

E será mais mulher honrada que a directora de um instituto, a qual, não o sendo, mente com a taboleta que ostenta na fachada da instituição de que tira a gloria e a vaedade, e sobretudo a vaedade.

De obras que poderiam ser de utilidade social, ellas fazem obras de iniquição. Ellas tratam de esgaravatar na vida privada das mu-



heres de coração e de intelligencia que queiram associar-se aos seus esforços julgados sinceros, e que não são senão pinturas enganosas com o fim de lograrem o exito das suas pretensões ambiciosas, disfarçadas com sorrisos de bonhomia e ares de protecção. Se se trata de collaboradoras com valor intellectual, oh! então! o ciúme torna-se ainda mais feroz, levantando intrigas contra as novas associadas, lançando, sob o abrigo de bisbilhotes anonyms, palavras perfidas que tem o ar de nada dizer, mas que dizem tudo,



Dia de finados. — Nos Prazeres

tudo quanto é absurdo, perdido e infame! Insinua-se que o seu passado não permite que se lhe aceite a collaboração. Ora, esta palavra "passado", é muita elastica, porque designa tanto uma vida de indecencias e de escandalos, com uma simples culpa leve, um coquetismo innocente, uma desgraça não merecida, ou um amor illudido e um casamento frustrado por causas sem importancia.

Semelhantes procedimentos inspirados pela inveja e pelo egoismo, occultos sobre falsos exteriores de intransigencia virtuosa afastam de nós as mais desinteressadas sympathias, as mais sinceras dedicações, e os mais preciosos e mais activos concursos. Taes processos de intolerancia e de perversidade não podem senão desconsiderar as instituições fundadas sobre a tolerancia e a bondade.

Senhoras, as instituições de utilidade social para que produzam os serviços que ha d'ellas a esperar, não devem ser dirigidas senão por mulheres de grande coração, tolerantes e justas.

Por conseguinte, cada vez que essas damas directoras exercem a intolerancia e a maldade, ameaçando de se demittirem, se



Dia de finados. — Nos Prazeres

não fizermos côro com ellas no seu concerto de insinuações malevolas e de imputações calumniosas, nós vos aconselhamos, no interesse dos nossos intuitos, a pegarem-lhes na palavra e a não violental-as para que fiquem. Se ellas não poderem corrigir-se, que levem as seus habitos de maledicencia e de calumnia e os seus actos de intolerancia e de injustiça aos circulos que não se interessam pela regeneração da humanidade que ellas entendem de um modo singular, e praticam de uma maneira ainda mais singular.

MARGARIDA BODIN.

## O testamento do tio Pedro

A beira da estrada, batida do sol e da chuva, exposta ao granizo, sem arvores em torno, sem uma horta, sem um jardim, isolada na planície limpa quasi árida, ficava a choupana do tio Pedro. Ladino, indolente e supersticioso, o velho possuía apenas essa palhoça, uma vacca, que a mulher ordenhava nos felizes tempos de cria, e um cão leproso, que latia á lua mas que não mordida. Nada mais.

De que vivia o casal? De uma chaga que o tio Pedro tinha na perna e que alimentava, mantendo-a sempre aberta, roxa e pustulosa com o succo irritante deervas causticas. Quatro farrapos em torno, a perna exposta á porta, mostrando aos transeuntes a nojenta ulcera coberta de pús e de moscas, e eis a fonte de renda que dava a pitanga ao casal. De resto, uma velha carabina auxiliava a caridade publica fornecendo para os dias de festa pratos saborosos de caça do campo. O pedengo mantinha-se á custa do proprio esforço, perseguindo o tatú na planície e mendigando ossos, aqui e ali, pelas herdades da vizinhança. Quanto á vacca, tinha sempre na frente do seu estomago a vasta extensão da campina onde retouçava o broto tenro da *barba de bode*.

A chaga do tio Pedro começara pequenina e insignificante. Um dia, ao saltar uma cereca, um espinho entrara-lhe na perna esquerda, um pouco acima do tornozelo. Tio Pedro sentiu a dôr mas não fez caso. No dia seguinte, a perna estava vermelha, bastante quente e inflmada e



Dia de finados. — Nos Prazeres

todavia no lugar onde entrara o espinho só havia um ponto escuro, um pequenino ponto azulado, que lembrava a picada de um alfinete.

Depois, esse ponto começou a purgar e a engrandecer, mas o calor passara. Volvido um mez, o ponto escuro já tinha o diametro de uma moeda de nickel de 100 réis, mas apresentava indicios de querer cicatrizar. Foi quando a mulher do tio Pedro — uma velhinha encarquilhada, mais ladina ainda do que o marido — attentando no tamanho da chaga, que lembrava o do nickel, teve a ideia luminosa e pratica de extrair nickeis da ferida. E expôz a sua ideia ao marido, que a achou esplendida. Começaram então os dois na faina ardorosa de impedir a cicatrização da chaga. Ao principio, lembraram-se da urtiga, cujos pellos exercem um liquido urente, que irrita e queima; e applicada a planta á chaga, esta effectivamente augmentou. Mas a urtiga produzia dôres, cousa de que o tio Pedro não gostava. Procuraram então outraservas, que, alimentando a chaga, não produzissem dôres. Com labor e paciencia acharam. Estava garantida a subsistencia do casal.

Vagarosamente, maciamente, com a lentidão da lesma, começou essa chaga a alastrar pela perna acima como um lichen; ao fim de alguns mezes, tinha rodeado o tornozello e, passado um anno, já invadia a região da tibia e do peroneo até meio. Mas não doía e chamava o nickel. Todavia, á medida que a chaga augmentava, o tio Pedro diminuia em peso e desceorava; mas, como na choupana não havia balança nem espelho e o appetite era bom, tio Pedro não se apercebia da fuga das côres nem do desfalque em kilogrammas. Pelo seu lado, a ardilosa mulher do tio Pedro, que tinha o defeito organico de ser myope, tambem não via... senão a ferida, essa amada ulcera, que não fechava nunca e que lhe proporcionava meios de ter o estomago farto e de dormir noites tranquiilas.

Demais, a magreza e a pallidez macilenta do velho augmentavam o effeito da chaga, armando á compaixão do transeunte, forçando-o a dar com mais liberalidade a esmola.

Nessa exploração feliz, o casal atravessou tres annos sem soffrer privações. A ferida chegava então ao Joelho, começava a dobrar a rotula e ameaçava invadir a coxa mal fornida de carnes. Quasi reduzido á pelle e ao osso, tio Pedro já sentia uma fraqueza que o intimidava. Foi quando elle percebeu que o peso lhe mingoava e que, com a fuga do peso, o alento desaparecia.



Teve então a ideia, de impedir a marcha ascendente da ulcera, reduzil-a mesmo, fazendo-a retroceder até ao meio da perna. Assim como assim, tanto vinha o nickel com uma chaga de dois palmos, como com uma de quatro pollegadas. Mas, ou porque a ferida já se habituasse a subir, ou porque a mulher do tio Pedro não descobrisse a herva que devia fazel-a descer, o certo é que a chaga alastrou sempre e, depois de galgar o joelho, invadiu francamente a coxa. E o peor é que, quanto mais mezinhas lhe applicavam para fazel-a secar e retrair-se, mais ella purgava, avancando sempre.

No começo do inverno, quando a primeira geada cobriu a planicie, crestando as hervas tenras e devorando assim a provisão da vacca, tio Pedro percebeu que já lhe era difficil sair da cama e arrastar-se até á porta da choupana para expôr a ulcera. Teve então a primeira suspeita do seu proximo fim e chamando a mulher pediu-lhe que procurasse um tabellião e o levasse á choupana.

Um tabellião! . . . para que?

Teria o tio Pedro uma fortuna occulta, conservada pela sua avareza no fundo de algum buraco, sem que a mulher o soubesse jamais?

O velho nada explicou e a mulher, sempre ladina, alentada pela esperança de uma riqueza inesperada, que depois da morte do marido viesse supprir a falta da chaga pingue, pr-stes a desaparecer para sempre, nada inquiriu. Foi ao povoado e de lá trouxe o tabellião.

O que se passou entre o notario e o moribundo, a mulher do tio Pedro só o soube depois que o velho fechou os olhos para sempre.

O finado tinha feito testamento e esse testamento era assim redigido:

«Deixo uma vacca, uma espingarda e um cão; á minha mulher deixo o cão, e do producto da venda da vacca e da espingarda mandará ella rezar missas pelo descaço da minh'alma.»

Era só isto. Nada de mais conciso, nada de mais previdente, nada de mais liberal.

Sorridente e ironico, o tabellião perguntou á viuva se ella, como legataria e testamenteira, estava resolvida a satisfazer as disposições um tanto extravagantes e mesmo illegaes do testamento do seu defuncto marido. E a velha encarquilhada, sem mostrar pesar nem espanto, respondeu serenamente «que sim».

Oito dias depois, realisava-se a feira mensal no povoado e a mulher do tio Pedro, de espingarda ao hombro, como uma vivandeira, tangendo na sua frente a vacca e acompanhada pelo cão, seguiu para a feira e ali procurou logar azado para realisar a venda das coisas que levava.

Um comprador apresentou-se e indagou o preço da vacca.

— Doze vintens, respondeu muito séria a mulher do tio Pedro.

— Doze vintens!! . . . repetiu o camponez, olhando admirado para a velha.

— Sim, senhor, doze vintens, nem mais nem menos, mas tem uma condição, respondeu a velhita, sem se perturbar com o olhar desconfiado do camponio.

— E qual é a condição?

— E' esta: quem comprar a vacca ha de comprar tambem a espingarda e o cão.

— Hom'essa! . . .

— E' como lhe disse: a vacca só será vendida juntamente com o cão e com a espingarda.

— E qual o preço, boa mulher, da espingarda e do cão?

— A espingarda — treze vintens, o cão — trezentos mil réis.

Cada vez mais espantado, sem comprehender o estratagemata da legataria finoria, o camponio pôz as mãos nas ilhargas e desatou a rir, a rir, de tal sorte, que attraiu a attenção de toda a feira.

E de ahí a pouco, toda a gente que ali estava, sabia este caso original e extranho; que a viuva do tio Pedro exigia doze vintens pela vacca, treze pela espingarda e trezentos mil réis pelo cão, *sub conditione, sine qua non*, de vender tudo ao mesmo comprador.

Como a vacca era nova, com fama de boa leiteira e valia bem os trezentos mil e quinhentos réis (que era o preço de tudo), o camponez depois de indagar inutilmente pela razão da original exigencia da velha, fechou o negocio, pagando a quantia pedida, e da feira partiu levando a vacca, o cão e a espingarda.

Então, a viuva do tio Pedro, visivelmente satisfeita e com a consciencia tranquillada, foi em demanda da casa do vigario da freguezia e perguntou ao bom padre:

— Senhor vigario, seria V. Rev.<sup>ma</sup> capaz de dizer, por quinhentos réis, uma missa por alma do meu Pedro, que Deus haja na sua santa guarda?

O vigario, que ignorava o que se passara e que sabia das circumstancias precarias da velha, respondeu logo:

— Com todo o prazer, bôa mulher; onde não ha el-rei o perde.

— Pois então, aqui tem os quinhentos réis, senhor vigario, e queira dizer a missa por alma do defuncto Pedro.

D'ahi, partiu logo para a casa do tabellião, com o fim de provar perante testemunhas que havia satisfeito as disposições testamentarias do seu finado marido.

E foi assim que a espertalhona viuva do tio Pedro demonstrou que o cão leproso, que o marido lhe deixara, valia quasi tanto como a chaga que ella alimentara durante tres annos, chaga essa que o velho, egoista e avaro sempre, levava para debaixo da terra, talvez no intuito de explorar com ella, no outro mundo, a caridade das almas imbecis ou demasiado compassivas.

GARCIA REDONDO.

## LISBOA



Um trecho da cidade, a oeste — Castello de S. Jorge



# Theatros

**Gymnasio** — O pae da patria. **D. Maria** — Anna Pereira e a Mantilha de renda. **Principe Real** — O tempo de Salomão. **Trindade** — Ainda as laranjeiras magicas. A futura peça de Esculapio. O actor Francisco Costa. **Rua dos Condes** — Em hastes limpas. **Avenida** — O Santo Antonio em Lisboa e a futura opera comica: Noites de Odiseas. **Colyseu dos Recreios** — A companhia, a empresa e o publico. **Rato** — Balles, canconetas, couplets e cinematographo. **Grande Casino de Paris**. **D. Amella** — A rajada.



Artistas no Colyseu — Troupe Colberg

A excepção de S. Carlos estão abertos todos os theatros de Lisboa, e contudo a chronica só tem a registar uma peça nova original. E' *O Pae da patria*, comedia em 3 actos firmada pelos nomes de dois escriptores, Ernesto Rodrigues e Bento Faria, já conhecidos no theatro por trabalhos anteriores.

Representa-se no **Gymnasio**, que é o theatro d'aquella especialidade litteraria, o palco em que desde as peças de Gervasio e de Schwalbach assentam á maravilha todas as *charges* e *pochades* d'esse genero.

E, visto que citamos os dois nomes, é justo fixal-os um pouco n'este momento em que falamos de uma peça que tantas similhanças e afinidades tem com as d'elles. *O Pae da patria* não ha duvida, lembra a todo o instante a *maneira* de Gervasio Lobato, mais ainda que a de Schwalbach, a sua forma original e unica de fazer espirito, aquelle inconfundivel genio do disparate que nos fazia rir ás gargalhadas deante de scenas e personagens que não resistiam a um momento de analyse mas que traziam consigo torrentes de graça, já no improvisto das situações comicas, já no tiroteio das phrases humoristicas, dos ditos chipantes.

O modelo d'este singular genero theatral é incontestavelmente *Sua Excelencia*, porque em outros trabalhos de Gervasio ha aqui e alem excellentes desenhos de typos sociaes, estudos aprimorados de comedia burgueza, e critica de costumes, escarpellada e subtil.

Pois foi a esta comedia famosa que os auctores de *O Pae da patria* foram buscar todos os lineamentos da sua, todos os modelos e formas para os tres actos que a constituem. Mas como não tinham a mão forte e segura do mestre, carregaram de mais a *charge*, foram



Hugo Colberg

O maestro liliputiano

excessivos nos effeitos que procuraram tirar, e, sem o presentirem, prejudicaram o seu trabalho.

Não quer dizer, porém, este leve reparo, que *O Pae da patria* seja isento de qualidades. Ao contrario. N'um tempo de tão difficil selecção, em que nas obras de theatro portuguez está havendo muito mais joio de que trigo, os srs. Ernesto Rodrigues e Bento Faria conseguiram pôr na sua obra mais trigo do que joio.

Que pretenderam elles? Fazer rir. E conseguiram-n'o sem se saber bem porque, sendo n'isto exactamente que está o merito especialissimo da sua peça. Como é que sem accção quasi, com situações carregadas e personagens exaggerados, o publico applaudeu com consciencia e sem favor, e nos applausos se confundiram exigentes e ingenuos?

Porque as qualidades scenicas que lhe faltam são largamente compensadas por outras. As referencias aos actuaes acontecimentos politicos são bem cabidas e achadas com felicidade. As reminiscencias de revista que por todos os actos abundam, e que seriam um senão n'outros trabalhos quasi que constituem a materia prima d'este, e com resultado seguro, porque são apropriadas e vem no seu logar. Aquillo não se consegue sem espirito, e o publico do Gymnasio prefere-o á boa litteratura, mesmo que elle seja espalhado á *la diable* pelas figuras e pe-

las situações. N'isto triumpharam os auctores de *O Pae da patria* que, diga-se a verdade, outra coisa não pretenderam.

No exito alcançado tiveram parte brilhante os artistas que tomaram a si os papeis de mais realce, e especialmente Barbara, Jessina Cardoso, que tiveram nos novos do theatro, Alegria, Monteiro Albuquerque, e dois ou tres mais, excellentes auxiliares. Chamando-os á scena na primeira noite, e com elles aos auctores e a Leopoldo de Carvalho, o primoroso e antigo ensaidor, fez lhes justiça o publico.

Dos outros theatros que dizer? São peças todas nossas conhecidas, e mais de uma vez por estas columnas os seus nomes tem desfilado.

Começemos por **D. Maria**. O formoso theatro do Rocio terá nesta quinzena a sua noite de sensação: aquella em que reaparecerá Anna Pereira, uma das mais caracteristicas, das maiores actrizes que tem passado por palcos portuguezes. Tambem no mesmo palco reviverá a deliciosa comedia de Fernando Caldeira: *Mantilha de renda*, que tantos applausos colheu ha um bom par de annos, e esta peça e aquella artista evocam ao espirito as gloriosas noites do theatro normal em que as figuras primaciaes da scena portugueza davam vulto e relevo ao que de melhor, de mais dramatico ou de mais delicado produziam para o theatro os escriptores portuguezes.

Resolveu — e viu bem coroada a sua iniciativa a empresa do **Principe Real** — fazer resurgir uma peça de d'Ennery que ha 57 annos arrastou a nossos avós, na sala de D. Maria, convictos e frementes applausos.

Foi Mendes Leal que então adaptou ao theatro portuguez, e estamos ainda a ouvir com sandade o bom Pae Rosa a evocar os tempos em que elle applicára toda a sua arte e conhecimento do theatro á montagem da famosa peça franceza que tão sensacional interesse havia de despertar em Lisboa.

*O templo de Salomão* chegára até nós na tradição das coisas que fizeram época ruidosa e que nunca mais serão vistas nem admiradas.

Episodios interessantes se ligavam á representação d'essa peça apparatusa, sendo o mais curioso de todos o que succedeu na primeira noite — que por signal ainda n'esse tempo se não chamava uma *première*.

Como dois camellos tivessem de entrar em scena, necessario se tornou pedi-los ao marquez de Niza, que logo bizarramente os dispensou.

No quadro mais apparatuso os camellos tem de entrar em scena no sumptuoso sequito do rei Salomão. Mas ou a luz da ribalta, ou o espectáculo novo, tão differente do deserto, por tal forma desorientou um dos camellos, que era por signal uma camella, que ella não achou melhor expediente que enfiar pela orchestra dentro.

E como os da musica considerassem esta invasão um attentado de leza arte, d'ahi em deante, nas recitas subsequentes, se houve camellos foram só... de pasta. Eram bem mais atrevidos os de carne e osso!

*O Templo de Salomão* de agora não mette quadrupedes, mas mette apparatuso e luxo, que lhe não foram regateados, e que são o elemento essencial do seu actual triumpho. A peça está posta com luxo desnudado n'aquelle theatro e pena é que o palco seja de tão reduzidas proporções que não permita apreciar as perspectivas das scenas tão artisticamente pintadas na Italia.

Tem situações de melodrama e tragedia proprias a fazer vibrar de commoção os habituaes do Principe Real.

O exito do desempenho cabe em primeiro logar a duas actrizes: Lucinda do Carmo e Palmyra Torres. Dos papeis de Raquel e de Susanna fizeram duas creações, e á graça, ao talento na forma de exprimir os senti-



Little Walter

O melhor desopilador do figado



mentos, á sciencia de *ouvir*, á intenção, e á arte de representar, que são qualidades primordiais de Lucinda do Carmo, corresponde á intensidade dramática de que Palmira reveste as situações do seu papel, e que faz ressaltar de todas as linhas da sua bella figura de mãe e de mulher ferida pelo infortunio.

O trabalho de Valle, o de Gil, o de Maria das Dores, o de Vieira, no Salomão, e alguns mais, entraram com grande parte no exito alcançado, tão grande que todos elles, o empresario Ruas, Acazio Antunes que ensinou a peça, o maestro, todos têm sido chamados ao proscenio, recebendo em applausos o premio do seu esforço.

Enquanto não sobe á scena na **Trindade** a nova opereta de Esculapio para a qual Neuparth escreveu a musica, *As Tangerinas Magicas* cumprem o seu dever, e mostram que visualidades, diabos, alcapões, milagres, imprevistos, são o pratinho favorito da população de Lisboa, ou antes da população do paiz, porque as provincias em peso tem queda para aquelle theatro, e chegam a fazer crer que o Rocio na Bitesga não é um impossivel.

Haja vista ás enchentes que se succedem e ás gargalhadas que não affrouxam.

Gargalhadas! Como ellas se converteram em lagrimas quando se espalhou a noticia de que a morte impiedosa arrancára áquelle theatro um dos artistas que mais o ennobreciam, que era um dos seus mais poderosos auxiliares e que por tanto tempo lhe dedicára o seu talento e o seu trabalho!

Francisco Costa não era na constellação theatral astro de primeira grandeza, mas ninguem lhe levava a palma na correção, na consciencia com que representava um papel, com que compunha um personagem, na forma subjectiva, pessoal, de o encarnar e tornar verdadeiro.

Por isso não será facil preencher o seu lugar, que elle honrava não só por estas qualidades, mas pela sua seriedade pessoal, por que era ao mesmo tempo um bom artista e um bom caracter.

Fechado o funebre parentese, prosigamos no registro que esta chronica nos impõe.

Em *Hastes Limpas*, tem sido uma miua para a **Rua dos Condes** que apesar das suas duas sessões por noite não tem tido mãos a medir. E, pelos geitos, a já famosa revista de Baptista Diniz ficará em scena até á consummação dos seculos.

Assim o diz o publico que n'estas causas é juiz e que com a sua frequencia crescente consagra as obras de theatro, fazendo-as resistir a todas as criticas e impondo-as a toda a gente.

Baptista Diniz, mais uma vez o dizemos, é mestre no genero, a sua maneira inconfundivel deu no gotto das plateias, e qualquer Revista o seu nome firme tem segura e longa carreira. Assim o comprehendu a actual empreza da Rua dos Condes, que não só tem sabido aproveitar habilmente o merito do auctor e o agrado do publico, mas tambem tem dado relevo aos espectaculos do seu theatro, em que as canoetas francezas e hespanholas de Mercedes Blasco põem uma nota fresca, hilarante e . . . appetitiva.

O *Santo Antonio em Lisboa* fez do theatro da **Avenida** o seu campo

de Julio Neuparth, venha abrir carreira e com os seus cinco quadros chamar nova concorrência ao theatro da Avenida.

E o **Colyseu dos Recreios**? Esse, sempre firme no seu posto, sempre querido do publico, lá está na rua de Santo Antão a desafiar theatros e casinos, modas e innovações, e a provar que a velha guarda se não rende, e que, o publico foi, é, e lhe hade ser sempre fiel.

Esta predilecção deve-a elle á sua superior gerencia, que por si



Casino de Paris (palco)

mesma parece multiplicar-se, taes são as surpresas que apresenta, as novidades que todas as noites offerece, os milagres que realisa, trazendo para o seu palco e para a sua arena os artistas mais applaudidos dos grandes circos da Europa.

A esplendida orchestra das creanças, a apparatusosa companhia russa, e bombeiros portuguezes, clowns, leões, tudo aquillo enfim é tão attrahente e sensacional, que, pode affirmar-se sem receio de errar... não ha melhor lá fóra.

Ha hoje em Lisboa um theatrinho, o do **Rato**, que é sem duvida o espectaculo mais barato da cidade. Por cincoenta réis podem ouvir-se, de tarde até á noite, canconetistas, *chanteuses* e completistas, pode admirar-se a arte de lindas bailarinas, e assistir a variadas sessões de cinematographo.

Se a phrase *um ovo por um real* não fica bem n'este lugar, então não parecemos nada d'esta . . . regedoria.

Do **Grande Casino de Paris** já tratou o *Brasil-Portugal* no ultimo numero, em que algumas das suas melhores artistas appareceram photogravadas. Faltavam ainda os clichés do interior d'esse estabelecimento de recreio que veio preencher uma falta na vida lisboeta. Graças á objectiva de um dos nossos photographos podemos hoje reproduzir tres aspectos da sala do Grande Casino.

Falta-nos falar do **D. Amelia** que muito de proposito reservamos para o fim talvez pela attenção que nos merece o preceito da Escripura: os ultimos serão os primeiros.

Em scena tem estado *O Duello*, *O Grande Coyliostro*, *O tim-tim*, *A Transviada*, *A Boneca*, o *D. Cesar de Bazan*, a *Perichole*, todas aquellas peças, em summa, que o publico do elegante theatro já n'outras épocas consagrara, e que foram uma especie de *hora d'ore* para e prato fino, ansiosamente esperado, que se chama *A Rajada*.

E, como se esta sensacional novidade não bastasse, e outros finissimos acepipes houvessem de ser distribuidos aos *gourmets* da arte, já elles estão esperando com ansiedade essas noites que ficarão assignaladas entre as mais bellas do theatro **D. Amelia**, nas quaes a virtuosidade famosa de Wanda Landowska e a arte suprema de Sarah Bernhardt e da Réjane nos hão de fazer vibrar os nervos e encantar o espirito.

*A Rajada*, que pela primeira vez se representou na noite de 12, primorosamente traduzida da *Rafale*, de Bernstein, pelo sr. Mello Barreto, é uma comedia bella, de situações fortes, caracteres humanos, sem um *truc*, sem uma *ficelle*, sem um *fautoche*, lembrando por vezes a pujança de Balzac no desenho admiravel dos typos. Salienta-se entre elles o do barão, figura que não mais se apaga da retina que a fixou, *pareceu* moderno, a quem a vaidade oega, e em quem a ancia de se aristocratizar toea a meta do ridiculo. A scena entre elle

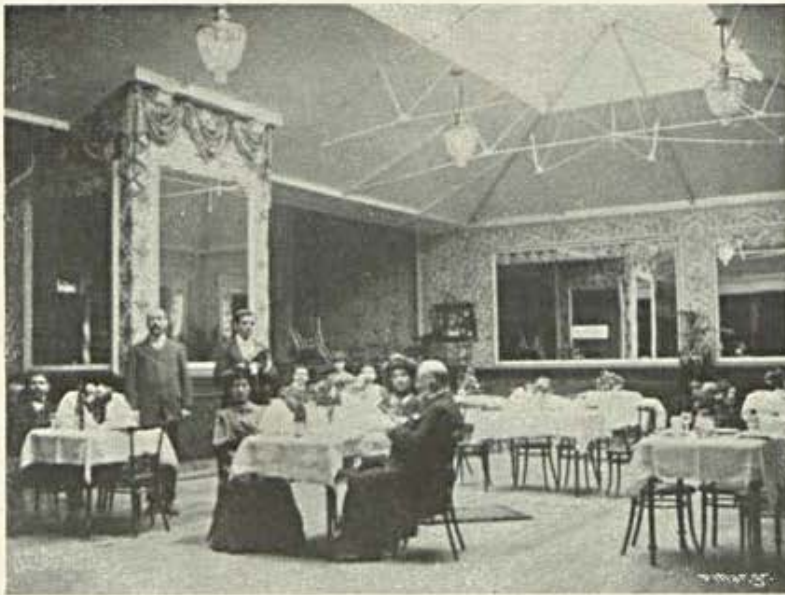
e a filha no segundo acto é magistral. Formosissimo tambem é a do primeiro acto entre os dois amantes: Roberto e Helena, e a que no terceiro precede o suicidio, entre Roberto e o barão, é de uma grande belleza theatral. Brillhante é o dialogo da comedia, a qual não podia deixar de agradar em toda a linha, não só por que reune todas as condições de exito, litterarias e theatraes, mas por que os primeiros artistas do **D. Amelia** se encarregaram do desempenho, em que sobressahiram:



Casino de Paris

de batalha e de triumpho. Com o seu talento comico, José Ricardo insufflou-lhe sangue nas veias e da graciosa peça faz todas as noites que ella se annuncia uma peça nova. Nas outras noites—visto que até Nosso Senhor descançou um dia por semana—a delicadissima comedia *Noite de nupcias* substitue com exito, bem revelado nos applausos do publico, o *Santo Antonio*. E assim se vae entretendo o tempo até que a opereta *Noites de Odiveallas*, original de Raphael Ferreira, com musica





Casino de Paris

Augusto Rosa, no barão, Lucinda, no papel de Helena, Alexandre d'Azevedo, no Roberto, Alves, no negociante, Josepha de Oliveira, no da mãe da Helena, Pinheiro, no joalheiro, Augusto Antunes, no general, Elvira Roque, Sena, Raphael Marques, em personagens de menos importancia.

Com tal peça, com tal desempenho, e com tão primorosa *mise-en-scène*, honra-se, não ha duvida, a arte de representar, em theatros portuguezes.

N'esse dia, porém, os olhos que o infinito  
Abre aos milhares sob o azul do ceu bendito,  
Fixavam-se na terna esposa e não no esposo,  
Como se n'este dia alegre e religioso,  
Entre os dias bendito, e puro entre as auroras,  
A's aves, chilreando entre as folhas sonoras,  
A' nuvem, ao regato, aos enxames variados,  
Ao seixo, ao animal, a sêres tão sagrados.  
Muitissimos dos quaes nos tempos já se somem,  
Se mostrasse a mulher mais Augusta que o homem!

Porque era esta eleição e este enternecimento  
Enorme do profundo e santo firmamento?  
Porque estava inclinado o infinito sobre um sér?  
A aurora porque dava uma festa á mulher?  
Porque era esta harmonia? Estas palpitações.  
Porque tinham mais gozo e mais irradiações?  
Porque era esta embriaguez de ver a luz do dia?  
Porque era o outro feliz quando á aurora se abria?  
Porque tinha mais luz e aromas o universo?

O bello par ingenuo em sonho estava immerso,

E a ternura entretanto, inexprimivel, suave,  
Do astro, do lago azul, do val, do musgo, da ave,  
Estremeçia mais em torno d'Eva, a qual  
Saudava embriagada a luz universal;  
O mysterioso olhar da natureza em festa,  
Da arvore, da onda e da virgem floresta,  
Mais pensativo então, fitava d'hora em hora,  
Esta mulher, de face Augusta e encantadora;  
Longo raio d'amor lhe vinha do infinito,  
Das aves a gorgear, da flôr, do azul bendito,  
Das rochas colossaes, das vibrações do mar.

Pallida, Eva sentiu o ventre a palpitar.

JAYME VICTOR.

## AS TRES GRAÇAS

### A sagração da mulher

(VICTOR HUGO)

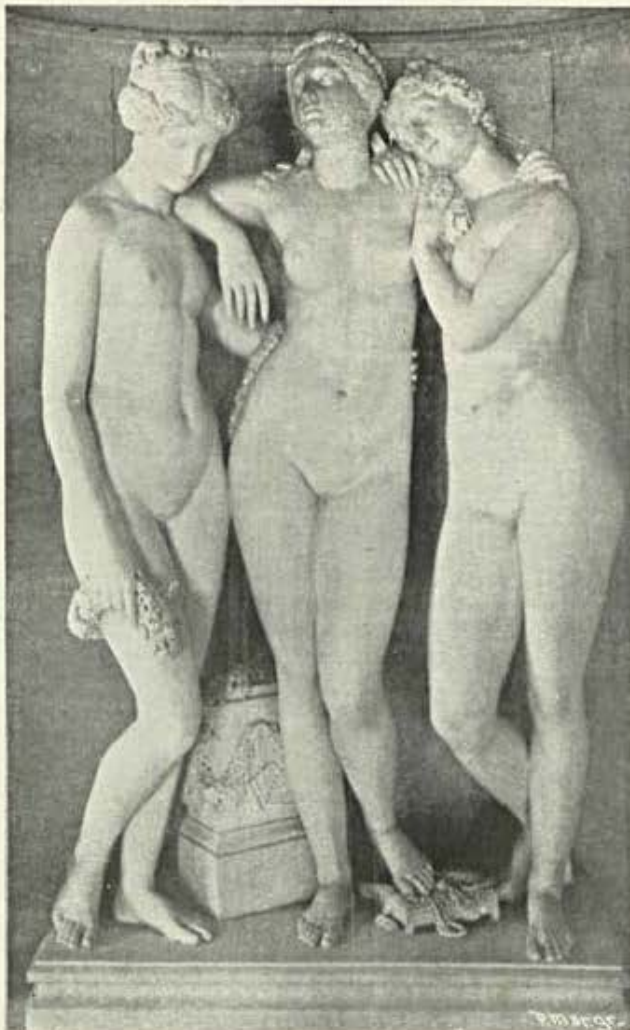
FRAGMENTO

Eva mostrava ao ceu sua nudez sagrada;  
Loura, admirava a irmã, a aurora côr de rosa.  
O' carne da mulher! argila ideal, formosa!  
Santa penetração do espirito sublime  
Que o omnipotente sér ao barro tosco imprime,  
Materia onde a alma brilha atravez do sudario,  
Lama que indica a mão do grande estatuario,  
Lodo augusto que attrahe o beijo e o coração,  
Tão santo que se ignora, é tal do amor a acção,  
Por cingir este lodo a alma tanto anseia,  
Se esta sensualidade acaso é uma idéa,  
E se se pôde, quando a paixão está acesa.  
Sem erer que a Deus se abraça, abraçar a belleza.

Eva deixava errar seus olhos seintillantes.

E sob as colossaes palmeiras verdejantes,  
Por sobre a fronte d'Eva e em torno dir-se-ia,  
Que o cravo meditava, o lótó reflectia,  
Se lembrava o myosote; as rosas tendo-a perto,  
Procuravam-lhe os pés com o labio meio aberto.  
Do roseo lyrio vinha um halito fraterno,  
Como se fosse ao lyrio egual este anjo terno.  
Como se, cada flôr tendo uma alma qualquer,  
Desabrochasse a mais esplendida em mulher!

Té este dia, pois, Adão era o escolhido  
Que no sagrado ceu primeiro tinha lido,  
Era o esposo tranquillo e forte a quem a treva,  
E os astros e a alvorada, a cuja luz viu Eva,  
E as flôres do barranco e do bosque o animal  
Veneravam como um irmão mais velho e ideal,  
Como a fronte onde a luz mais alto fulgurava.  
E quando um pela mão do outro divagava  
Pela clara amplidão do Eden singular,  
A natureza, sob o seu multiplo olhar,  
Abriava atravez da planta, do rochedo,  
Da onda, amando o par, feliz desde tão cedo,  
E o homem sér completo e augusto respeitando,  
Eva que olhava, Adão que estava contemplando.



Por Pradier

Existente no Museu de Versailles